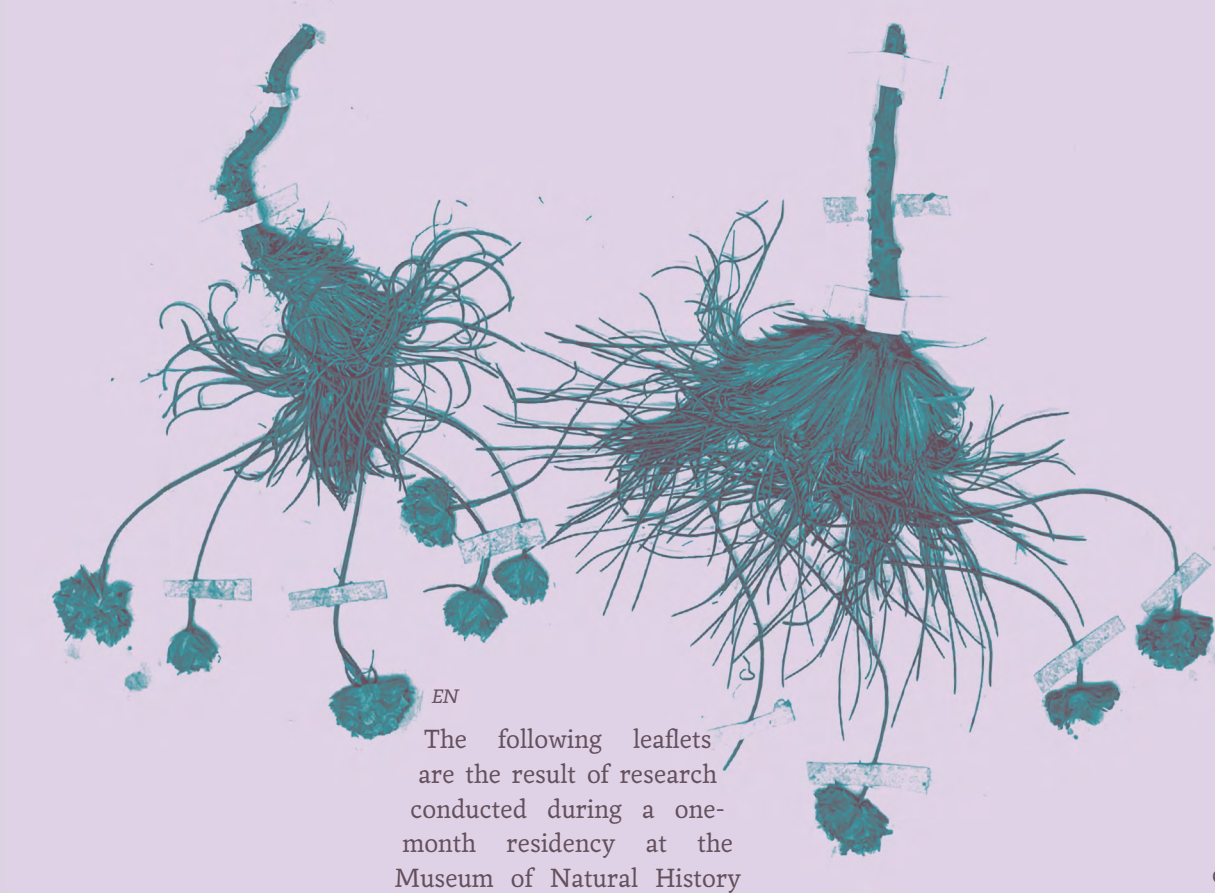




EN

The following leaflets are the result of research conducted during a one-month residency at the Museum of Natural History and Science in Lisbon, Portugal.

They bring together three stories of plant species that are closely linked to Portugal's colonial past and, consequently, to a historical period that has had a global impact. These stories speak to the various consequences of colonialism and global warming, and they reflect how patriarchal systems of power and knowledge production have led to the decline or extinction of species, the degradation of ecosystems, and forced migration, among other issues. These stories will serve as the foundation for a series of workshops that Rocío will carry out as part of her participation in *Contested Desires: Constructive Dialogues*.

Rocío would like to take this opportunity to thank the CDCD team for their support, the MUHNAC for their hospitality and assistance, and all the friends who listen and hold space.

The design was made by artist Isidora Gilardi. The texts were written by artist Rocío Guerrero and edited by Marta Lourenço, director of MUHNAC. The images were collected during the residency; some come from the museum's archives and herbarium, while others were taken by the artist.

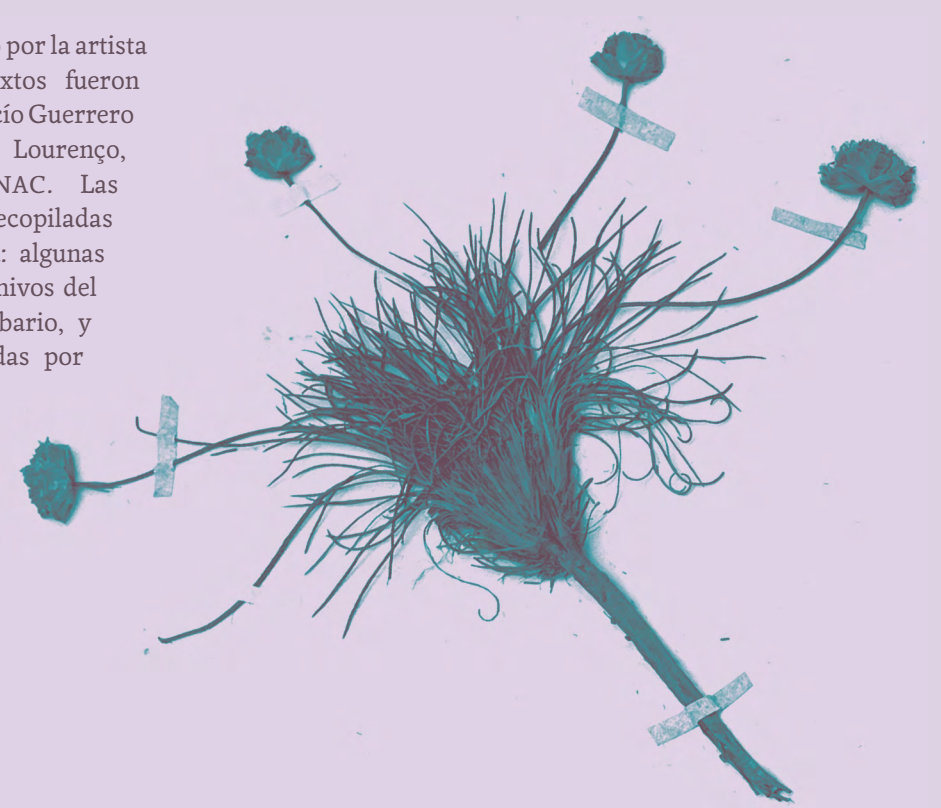
ES

Los siguientes folletos son el resultado de la investigación realizada durante un mes de residencia en el Museo de Historia Natural y de la Ciencia de Lisboa, Portugal.

Aquí se reúnen tres historias de especies vegetales estrechamente vinculadas al pasado colonial de Portugal, y por consecuencia, a un periodo histórico que afectó globalmente a quienes habitamos el mundo. Estas historias nos hablan de las múltiples consecuencias del colonialismo y del calentamiento global, y retratan cómo los sistemas patriarcales de poder y de construcción del conocimiento han contribuido a la disminución o extinción de especies, al deterioro de ecosistemas y a la migración forzada, entre otras problemáticas. Estas historias serán la base para una serie de talleres que Rocío realizará como parte de su participación en *Contested Desires: Constructive Dialogues*.

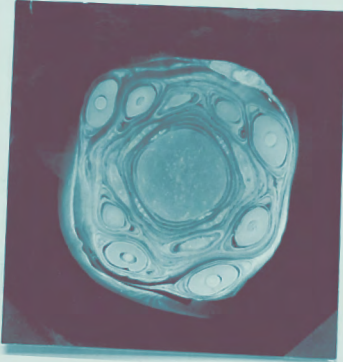
Rocío quiere aprovechar esta oportunidad para agradecer al equipo de CDCD por sus gestiones, al MUHNAC por todo su apoyo y hospitalidad, y a todas las amigas que escuchan y sostienen.

Este material fue diseñado por la artista Isidora Gilardi. Los textos fueron escritos por la artista Rocío Guerrero y editados por Marta Lourenço, directora del MUHNAC. Las imágenes fueron recopiladas durante la residencia: algunas provienen de los archivos del museo y de su herbario, y otras fueron tomadas por la artista.



WELWITSCHIA

WELWITSCHIA MIRABILIS
N'TUMBO



As plantas
vivem num tempo diferente.

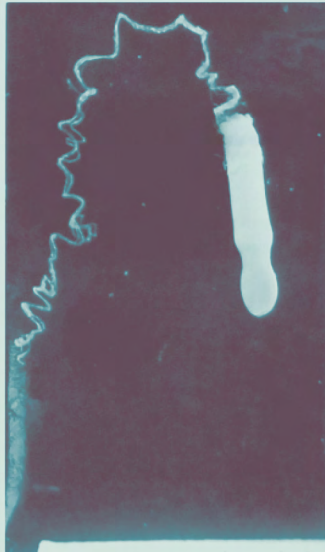
Movem-se e crescem a um ritmo que é
difícil de compreender nas nossas vidas aceleradas.
Apercebemo-nos disso quando nos lembramos de como
era a nossa paisagem mais próxima há alguns anos e
nos apercebemos que as árvores cresceram e agora dão
sombra ou a videira cobriu completamente o muro.

Por vezes esquecemo-nos que vivemos em temporalidades
diferentes. Ou melhor, o nosso próprio corpo por vezes
precisa de outro tempo.

A *Welwitschia Mirabilis* é uma planta de outro tempo.
Uma planta jurássica única, capaz de viver milhares de
anos. Um fóssil vivo, dizem. Na verdade, o seu nome é
N'Tumbo, como é conhecida em Angola, o seu local de
origem. Esta planta cresce lentamente no quente deserto
do Namibe porque conseguiu desenvolver um sistema
próprio de absorção da água do nevoeiro da costa
atlântica. Naturalmente, esta espécie só cresce dentro
dos limites do nevoeiro. Caracteriza-se por ter apenas
duas folhas, que crescem quase rentes ao solo e podem
atingir os seis metros de comprimento, e um caule
subterrâneo tão longo que pode atingir os 30 metros de
comprimento.

A planta mais feia do mundo, diziam em Londres quando
o botânico Frederich Welwitsch a levou para estudo e
classificação. Foi baptizada com o nome do botânico
que a tinha assinalado pela primeira vez; a supressão
dos nomes locais de origem é uma prática corrente na
ciência ocidental. A sua descoberta nas mãos do império
português causou tal alvoroço que foram extraídos
vários exemplares para análise, exemplares esses que
certamente não sobreviveram à viagem, uma vez que
se trata de uma espécie muito sensível e frágil, que
necessita de condições climáticas muito específicas
para sobreviver e não resiste a deslocações. A comoção
causada pela sua estranheza levou mesmo a rumores de
que se tratava de uma planta carnívora, com relatos que
afirmavam tê-la visto a comer uma galinha.

Altamente exotizada, esta planta única tornou-se um
objeto de desejo. É considerada vulnerável na natureza,
razão pela qual as que crescem em áreas protegidas
vivem em gaiolas para se protegerem do tráfico ilegal de
plantas ou de saqueadores que as querem arrancar ou
pilhar as sementes.

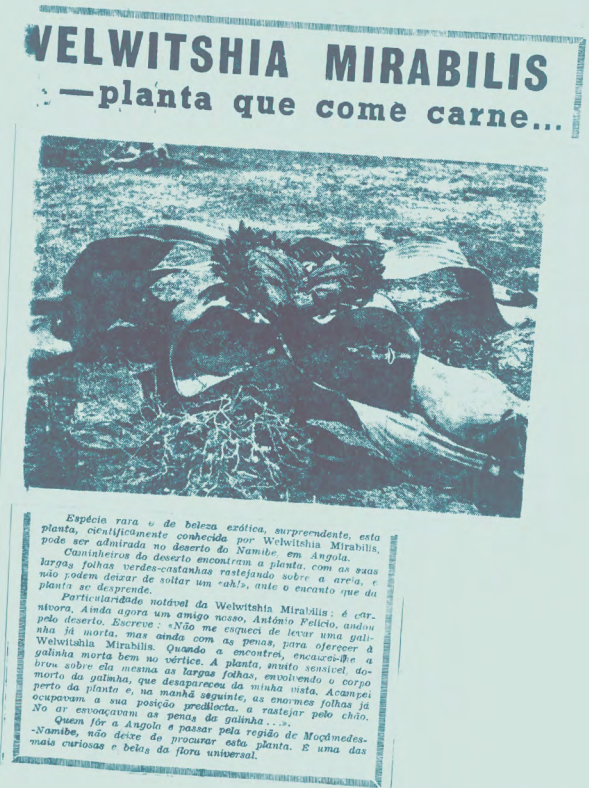


PT

PALAVRAS-CHAVE Tempo - Clima - Lento - calor - Deserto - Angola - Botânica - Nevoeiro - Feio - Classificação - Ciência - Sensível - Frágil - Vulnerável - Habitat - Semente

EN

KEY WORDS Time - Weather - Slow - Hot - Desert - Angola - Botantics - Fog - Ugly - Classification - Science - Sensible - Fragile - Vulnerable - Habitat - Seed



Welwitschia Mirabilis. Professor Oliver, of London, commenced on Friday, in Mr. Noverre's Room, a course of lectures on botany. The subject was the "Welwitschia Mirabilis," being an extraordinary tree discovered in 1860 almost simultaneously, though at an interval of several hundred miles, by Dr. Welwitsch, a distinguished botanist in the service of the Portuguese government, and Mr. Baines, an artist—the same gentleman, we presume, who accompanied Dr. Livingstone, and who is a native of Lynn. Its habitat is from 14 to 24 degrees south latitude, in Western Africa. The trunk, though often 6 feet in diameter, never grows above 6 or 12 inches from the ground, and, properly speaking, has no crown, terminating very abruptly, and the upper surface being flat. It has but two leaves, being those thrown out in germination, which issue from a groove just below the top, and are continually lengthening, the outmost and oldest portion having a tendency to split up from age and exposure to a very dry climate. The leaves attain several feet in length; they are parallel-veined, the nerves, however, being in detached bundles, instead of longitudinal. The crown is marked with concentric ridges, indicating periods of growth, but whether annual is uncertain, and the wood, which is very firm, is composed of cells which are also ringed, and are coated with minute crystals. The age of some of the specimens which have reached the botanical gardens at Kew, is believed to be as much as a century, but no seeds having yet been received, its mode of germination and habits are not fully known. It grows on an exceeding arid soil, and is not believed to flourish far inland. After careful investigation, it has been ascertained to belong to the order *conifera*, being allied to the pine, juniper, &c. The professor exhibited sections of the trunk of several specimens, which seemed to bear out his designation of the tree as the ugliest plant in creation.

Plants exist in another temporality. They move and grow at their own pace — one that often escapes the rhythm of our accelerated lives. We realize this when we remember what our immediate surroundings looked like just a few years ago: when we notice that trees have grown tall enough to give us shade, or that vines have quietly overtaken an entire wall.

We sometimes forget that we live in different temporalities — or perhaps that we live in a temporality that is not entirely our own.

Welwitschia Mirabilis is a plant from another age — a rare Jurassic plant survivor, capable of living for thousands of years. A ‘living fossil’, they say. In Angola, where it originates, it’s called N'Tumbo. This plant grows slowly in the hot Namib Desert, having evolved a remarkable system to absorb fog moisture from the Atlantic coast. Naturally, this species only grows within the fog belt and is characterized by just two long leaves, growing close to the ground and reaching up to six meters in length. Its underground stem can extend as deep as thirty meters into the earth.

Named ‘the ugliest plant in the world’ in London when botanist Frederich Welwitsch brought it for study and classification. It was named after him, stripping away its local names and indigenous identity, a common practice in Western science. Its discovery under the Portuguese empire caused a sensation. Several specimens were extracted for study, although few survived the journey. The plant is highly sensitive and fragile, requiring very specific climatic conditions and unable to endure relocations. Its bizarre appearance, when viewed through European eyes, sparked rumors that it might even be carnivorous—some claimed to have seen it devour a chicken.

Highly exoticized, *Welwitschia irabilis* became an object of desire. It is now considered vulnerable in its native habitat. In protected areas, these plants often live behind fences or in cages, shielded from illegal trafficking and looters seeking to collect or sell their seeds.



ANGOLA
— LISC —



= Welwitschia mirabilis Hook. f.

Det. W. S. G. & C. D. J. 1984.
font.

DRACAENA

DRACAENA DRACO
DRAGON TREE
DRAGOEIRO
DRAGO



A extinção de uma espécie afecta sempre o ecossistema. São as relações que estabelecemos com o mundo e com aqueles que o habitam que nos mantêm vivos. Muitas vezes, nem sequer temos consciência das nossas dependências, quanto mais das que nos rodeiam.

Mas está tudo ligado.

O *dragoeiro* é uma árvore endémica da Macaronésia, presente sobretudo nas Ilhas Canárias, Madeira e Cabo Verde. O seu nome deve-se à sua seiva, que é espessa e vermelha como o sangue de um dragão. Árvore sagrada para o povo Guanche, o *dragoeiro* oferecia-lhes a sua resina, que utilizavam ritualmente, quer como medicamento cicatrizante e anti-inflamatório, quer para a mumificação dos seus corpos nos rituais funerários. Era também à sombra da sua grande taça coroada que se reuniam em comunidade para tomar decisões importantes. A partir do século XV, e devido à colonização das ilhas por Espanha e Portugal, a sua resina tornou-se cada vez mais popular, até se tornar a resina mais procurada para o fabrico de violinos. Dizia-se que não só dava ao violino um acabamento vermelho brilhante e deslumbrante, como também afectava a sua ressonância, produzindo as notas mais extraordinárias para quem o tocava. Foi também muito utilizado na indústria cosmética e as suas propriedades medicinais espalharam-se por toda a Europa.

A extração repetida e profunda da sua resina para fins comerciais enfraqueceu as árvores, secando-as de dentro para fora, inibindo o seu crescimento saudável. Este facto é muito significativo para uma espécie que cresce apenas um metro a cada 10 anos. Juntamente com a extração da sua resina, o *dragoeiro* foi muito afetado pela extinção de uma ave que ajudava na dispersão das suas sementes. Durante milénios, o *dragoeiro* alimentou esta espécie com as suas sementes, confiando-lhe a sua reprodução. Depois de processadas no seu sistema digestivo, as cascas duras dos seus frutos carnudos amoleciam, permitindo que germinassem e se espalhassem pelo território. Este misterioso companheiro não deixou nomes nem vestígios certos, mas o seu vazio ressoa ao dificultar a propagação do *dragoeiro* no seu habitat natural.

Quando uma planta estabelece uma relação simbiótica com um animal que desaparece, é como se ficasse viúva. Uma espécie de luto vegetal, uma ferida silenciosa no tecido ecológico.

Esgotado pelo seu extractivismo e sem herdeiros como um viúvo, o *dragoeiro* hoje mal existe no seu habitat natural. É uma espécie protegida e em vias de extinção que sobrevive em reservas naturais e jardins botânicos.

PT

PALAVRAS-CHAVE Sangue - Morte - Coroa - Viúva - Extinção - Relações - Afeto - Salva - Sagrado - Qualidades - Extração - Parceiro - Simbiose - Luto



EN

KEY WORDS Blood - Death - Crown - Widow - Symbiosis - Extinction - Relationships - Affect - Sap - Sacred - Qualities - Extraction - Companionship



The extinction of a species always impacts the ecosystem. It is the relationships we form with the world — and those who inhabit it — that keep us alive. Often, we’re unaware of our dependencies, let alone those that surround us.

But everything is connected.

Drago is a tree endemic to Macronesia, found primarily in the Canary Islands, Madeira, and Cape Verde. It is named after its sap, thick and red like dragon’s blood. Sacred to the Guanche people, *Drago* offered them its resin, which was used ritually as both medicine — for healing wounds and reducing inflammation — and in funerary practices, for the mummification of bodies. Moreover, beneath the shade of its grand crown-like canopy, the community would gather to make important decisions. From the 15th century, with the colonization of the islands by Spain and Portugal, the tree’s resin became increasingly popular. It was the most desired varnish for violin-making — said to lend instruments not only a dazzling red finish but also a unique resonance, producing notes of excepcional beauty. Its use also spread through the cosmetics industry, and its medicinal qualities became widely known in Europe.

Yet, repeated and deep extraction of its resin for commercial purposes weakened the trees, draining them from the inside out and stunting their already slow growth. This is especially devastating for a species that grows only one meter every 10 years.

Drago also suffered from the extinction of a bird species that once played a crucial role in dispersing its seeds. For millennia, the tree fed this bird with its fruit, entrusting it with its reproduction. After passing through the bird’s digestive system, the seeds’ tough shells were softened, allowing them to germinate and spread. This mysterious partner left no name and no certain trace, but its absence still echoes—making it far more difficult for *Drago* to propagate in the wild.

When a plant forms a symbiotic bond with an animal that vanishes, it is as if she has been widowed. A kind of plant grief—a silent wound in the fabric of the ecosystem.

Drained by extractivism and bereft of its partner, *Drago* now barely exists in its natural habitat. It survives only in protected areas, an endangered species held in captivity.

CABO
VERDE



Opuntia sp. L.

Det. Amor de Figueira

JARDIM COLONIAL DE LISBOA

Nº 63

Opuntia stricta (Chapman) L.
det. Amor de Figueira - 500 m. altitude de
San Vicente, Angola. Outubro 1988
Det. Amor de Figueira

CHRYSOPHYLLUM

CHRY SOPILLUM IMPERIALE
ÁRVORE DO IMPERADOR
EMPEROR'S TREE
GUAPEBA



No baixo litoral do Rio de Janeiro, costumava crescer uma árvore de frutos amarelos e aclamada madeira. Era originalmente chamada de *Guapeba* — do Tupi *guapé-ɣva*, “árvore frutífera” — referindo-se aos seus frutos abundantes.

Com o tempo, ficou conhecida como a árvore do imperador. Os seus frutos, comestíveis e doces, encantaram o imperador Pedro I e o seu filho, Pedro II, que, maravilhados, as fizeram circular pelos jardins botânicos de todo o mundo como forma de diplomacia, desde Kew Gardens, em Inglaterra, até às estufas do Jardin des Plantes, em Paris. Assim, essa espécie foi usada para projetar uma imagem de riqueza e exuberância do Brasil tropical, digno de um império. Entretanto, no Brasil, a sua madeira era abatida para construir os navios que transportavam as mercadorias extraídas da América do Sul. No final do século XIX, com o desmoronamento do império, a árvore também começou a desaparecer.

Consta que, após a queda da monarquia, alguns exemplares foram extirpados, vítimas de uma vingança simbólica: apagar todas as lembranças do passado. Na época republicana, a árvore tornou-se, para alguns, uma lembrança incômoda do antigo regime, tendo de pagar com a vida por crimes que nunca cometeu.

Antes da chegada dos europeus, a árvore era abundante; na época colonial, começou a ser extraída em excesso; na época imperial, tornou-se um luxo para poucos; e na República, um símbolo de injustiça.

Hoje, a árvore sobrevive em alguns jardins distantes da sua terra natal, em herbários, em bancos de sementes, sempre com etiquetas latinizadas com o nome *Chrysopillum Imperiale*, bem como nos registos da IUCN, que a declara em perigo de extinção desde 1998. Como muitas espécies vítimas do extractivismo, a sua existência foi exportada, classificada e depois desapareceu (ou quase).

A história desta árvore não é apenas uma história de perda ecológica. É também um espelho do extractivismo colonial que reorganizou corpos, nomes e territórios.



PT

PALAVRAS-CHAVE Extractivismo - Nomear - Fruto - Império - Mercadoria - Exuberância - Vingança



EN

KEY WORDS Extractivism - Label - Fruit - Empire - Exuberant - Revenge - Commodity



On the low-lying coasts of Rio de Janeiro, there once grew a tree with yellow fruit and prized wood. Originally known as *Guapeba* - from the Tupi *guapé-ɣva*, meaning “fruit tree” — its name reflected the abundance of its sweet, edible fruit.

In time, it came to be known as the Emperor’s Tree. Its fruit captivated Emperor Pedro I and his son, Peter II, who were so enchanted that they had it circulated to botanical gardens around the world as a form of plant diplomacy — from Kew Gardens in England to the greenhouses of the Jardin des Plantes in Paris. In this way, the species was used to project an image of tropical Brazil as rich and majestic, worthy of an empire. Meanwhile in Brazil, its hardwood was felled to build the very ships that transported South America’s extracted riches. By the end of the 19th century, as the empire collapsed, the tree itself was also on the brink of disappearance.

It is rumored that, after the fall of the monarchy, some specimens were deliberately cut down as acts of symbolic revenge — to erase all reminders of imperial rule. In the new Republic, the tree became an uncomfortable symbol of the old regime, forced to pay — with its life — for crimes it never committed.

Before the arrival of Europeans, this species was abundant. During the colonial era, it was harvested excessively. In imperial times, it became a luxury available only to a few. And in the Republic, it became a symbol of injustice.

Today, the tree survives only in scattered gardens far from its native land, preserved in herbaria, seed banks, and under Latinized labels —*Chrysophyllum imperiale*—, and in the records of the IUCN, which has listed it as endangered since 1998. Like many species consumed by extractivism, it was exported, classified, and then made to disappear—or nearly so.

The story of this tree is not only one of ecological loss. It is also a reflection of colonial extractivism—one that reordered bodies, renamed species, and redrew territories.

580
JUN 6



Specimens of
Dr. Carlos S. S. S. S. S.

Vn

Chrysophyllum imperiale

(Lindley ex K. Koch. & Franchet. & Benth.)

Sapotaceae

